

PERVERSÃO SOCIAL E PAIXÃO PELA INSTRUMENTALIDADE: ATUALIDADE DA TESE DE CALLIGARIS

SOCIAL PERVERSION AND PASSION FOR INSTRUMENTALITY:
THE CONTEMPORARY RELEVANCE OF CALLIGARIS'S THESIS

PERVERSIÓN SOCIAL Y PASIÓN POR LA INSTRUMENTALIDAD:
ACTUALIDAD DE LA TESIS DE CALLIGARIS

Gabriel Crespo Soares Elias¹

Amanda Pinho Nunes da Silva Pereira²

LIVRO: O GRUPO E O MAL: ESTUDO SOBRE A PERVERSÃO SOCIAL

AUTOR: CONTARDO CALLIGARIS

EDITORIA: FÓSFORO, 2022, 472 P.

Resumo: Esta resenha examina criticamente a obra *O grupo e o mal: estudo sobre a perversão social*, de Contardo Calligaris, publicada originalmente como tese de doutorado e recentemente traduzida para o português, destacando a relevância teórica do conceito de perversão social para a compreensão dos vínculos entre sujeito, grupo e violência legitimada. Em diálogo com Sigmund Freud e Hannah Arendt, Calligaris sustenta que o mal não decorre de uma essência monstruosa, mas de uma estrutura subjetiva marcada pela “paixão pela instrumentalidade”, na qual o sujeito encontra satisfação psíquica ao se tornar instrumento de um ideal coletivo, frequentemente encarnado pelo Estado ou por um líder, ao mesmo tempo em que reduz o outro à condição de objeto. A resenha destaca a distinção entre perversão sexual e perversão social, enfatizando que esta última não se restringe a um desvio pulsional, mas corresponde a uma organização estrutural que implica a objetificação do outro e a submissão do sujeito a uma lógica instrumental. Nesse contexto, fenômenos de massa favorecem a suspensão parcial do recalque e reforçam processos identificatórios que fragilizam a responsabilidade subjetiva, possibilitando a legitimação de práticas violentas sob a justificativa de um suposto bem comum. Ao articular clínica, teoria psicanalítica e análise sociopolítica, Calligaris reafirma a tese freudiana de que a psicologia individual é, desde o início, também psicologia social. Conclui-se que o conceito de perversão social constitui uma ferramenta conceitual fundamental para a compreensão dos fenômenos contemporâneos de adesão subjetiva a ideais autoritários, evidenciando a atualidade e a potência crítica da psicanálise na análise do laço social.

Palavras-chave: Perversão social. Psicanálise. Psicologia das massas.

¹ Doutorando em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Psicólogo na rede socioassistencial de Casimiro de Abreu/RJ. Professor auxiliar substituto na Universidade Federal Fluminense .
ORCID: 0000-0002-8701-9825. E-mail: gabriel.cresposelias@gmail.com

² Psicanalista membro do Fórum do Campo Lacaniano de Nova Iguaçu. Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora na Universidade Unigranrio.
ORCID: 0000-0002-9519-0593. E-mail: pinhoamandapsi@gmail.com

Abstract: This review critically examines O grupo e o mal: estudo sobre a perversão social, by Contardo Calligaris, originally published as his doctoral dissertation and recently translated into Portuguese, highlighting the theoretical relevance of the concept of social perversion for understanding the relationships among subjectivity, group dynamics, and legitimized violence. In dialogue with Sigmund Freud and Hannah Arendt, Calligaris argues that evil does not arise from a monstrous essence but from a subjective structure marked by the "passion for instrumentality," in which the subject finds psychic satisfaction in becoming an instrument of a collective ideal, often embodied by the State or a leader, while simultaneously reducing the other to the status of an object. This review emphasizes the distinction between sexual perversion and social perversion, underscoring that the latter is not limited to a deviation in instinctual aims but rather constitutes a structural organization involving the objectification of the other and the subject's submission to an instrumental logic. In this context, mass phenomena favor the partial suspension of repression and reinforce identificatory processes that weaken subjective responsibility, enabling the legitimation of violent practices under the justification of a supposed common good. By articulating clinical practice, psychoanalytic theory, and sociopolitical analysis, Calligaris reaffirms the Freudian thesis that individual psychology is, from the outset, also social psychology. It is concluded that the concept of social perversion constitutes a fundamental conceptual tool for understanding contemporary phenomena of subjective adherence to authoritarian ideals, demonstrating the continuing relevance and critical potential of psychoanalysis for the analysis of the social bond.

Keywords: Social perversion. Psychoanalysis. Mass psychology.

Resumen: Esta reseña examina críticamente la obra O grupo e o mal: estudo sobre a perversão social, de Contardo Calligaris, publicada originalmente como su tesis doctoral y recientemente traducida al portugués, destacando la relevancia teórica del concepto de perversión social para la comprensión de las relaciones entre subjetividad, dinámica grupal y violencia legitimada. En diálogo con Sigmund Freud y Hannah Arendt, Calligaris sostiene que el mal no surge de una esencia monstruosa, sino de una estructura subjetiva marcada por la "pasión por la instrumentalidad", en la cual el sujeto encuentra satisfacción psíquica al convertirse en instrumento de un ideal colectivo, frecuentemente encarnado por el Estado o por un líder, al mismo tiempo que reduce al otro a la condición de objeto. La reseña destaca la distinción entre perversión sexual y perversión social, subrayando que esta última no se limita a una desviación de la meta pulsional, sino que constituye una organización estructural que implica la objetivación del otro y la sumisión del sujeto a una lógica instrumental. En este contexto, los fenómenos de masa favorecen la suspensión parcial de la represión y refuerzan procesos identificatorios que debilitan la responsabilidad subjetiva, posibilitando la legitimación de prácticas violentas bajo la justificación de un supuesto bien común. Al articular clínica, teoría psicoanalítica y análisis sociopolítico, Calligaris reafirma la tesis freudiana de que la psicología individual es, desde el inicio, también psicología social. Se concluye que el concepto de perversión social constituye una herramienta conceptual fundamental para la comprensión de los fenómenos contemporáneos de adhesión subjetiva a ideales autoritarios, evidenciando la actualidad y el potencial crítico del psicoanálisis en el análisis del lazo social.

Palabras clave: Perversión social. Psicoanálisis. Psicología de las masas.

São os grupos que nos autorizam a sermos os canalhas que, sozinhos, nós não nos autorizaríamos ser. A pátria é um desses grupos possíveis (Calligaris, 2019).

Em uma perspectiva histórico-afetiva, pode-se afirmar que Contardo Calligaris foi uma das vozes mais influentes no ensino e na difusão da psicanálise no Brasil. Psicanalista italiano radicado no país, sua produção intelectual sempre ultrapassou os limites do consultório, articulando clínica, cultura e política. Desde sua primeira obra publicada em território brasileiro, *Hello, Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil* (Calligaris, 1991), evidenciava-se uma escuta atenta às singularidades do laço social brasileiro e às formações sintomáticas que emergem no entrelaçamento entre sujeito e cultura.

Calligaris (1991) foi, nesse sentido, um psicanalista na pólis. Atuando inicialmente em Porto Alegre e, posteriormente, em São Paulo, manteve constante interlocução com o debate público, especialmente por meio de sua coluna na *Folha de S. Paulo*.

No artigo “Patriotismo e patriotice”, publicado em 2019, o psicanalista (Calligaris, 2019) reagiu com indignação aos episódios de violência ocorridos em Pacaraima (RR), quando grupos autoproclamados “patriotas” atacaram imigrantes venezuelanos em situação de refúgio. Com a ironia conceitual que lhe era característica, distinguiu “patriotismo”, ideal simbólico que pode sustentar o vínculo cultural, de “patriotice”, expressão cunhada para designar a mistura entre delírio identitário e brutalidade coletiva. O trocadilho condensa uma leitura clínica do fenômeno político: sob a máscara do amor à pátria, operava-se uma forma de gozo destrutivo e funesto.

Em março de 2021, a morte do analista, crítico da contemporaneidade e tão presente no laço social brasileiro, deixou uma lacuna significativa no campo psicanalítico. Até seus últimos meses, manteve intervenções críticas sobre o cenário político nacional, especialmente em relação ao governo de Jair Bolsonaro, aspirante a ditador que seria, um ano após a partida do escritor, o líder intelectual dos ataques às sedes dos três Poderes da República.

Nesse contexto, ganha especial relevância a publicação, em português, de sua tese de doutorado defendida na Universidade de Marselha: *Recherche sur la perversion comme pathologie sociale: la passion de l'instrumentalité*. Traduzida sob o título *O grupo e o mal: estudo sobre a perversão social*, a obra oferece uma contribuição teórica decisiva para pensar a dimensão social da perversão. Calligaris propõe que, em determinadas configurações históricas — notadamente regimes autoritários e ditatoriais —, o laço grupal pode legitimar atos que, em contextos democráticos orientados pelos direitos humanos, seriam reconhecidos como crimes.

Leitor atento de Hannah Arendt, Calligaris retoma o caso paradigmático de Adolf Eichmann, analisado por Arendt (1999) em *Eichmann em Jerusalém*. Ao acompanhar o julgamento do burocrata nazista, Arendt formulou a célebre tese da “banalidade do mal”: Eichmann não se apresentava como um monstro sádico, mas como um funcionário zeloso, obediente e administrativamente competente. Essa constatação desestabiliza a tendência moralizante de reduzir o mal a uma essência monstruosa.

Calligaris radicaliza essa intuição ao demonstrar que a banalidade do mal encontra sustentação em processos intrapsíquicos inconscientes relacionados à regressão egoica, que possibilita a submissão às ordens e ao domínio de um líder ou de um grupo. O sujeito pode vivenciar-se como mero executor de ordens, como um instrumento a serviço de um suposto “bem maior”, deslocando para o grupo ou para o Estado a responsabilidade por seus atos. A legitimação coletiva opera como suporte identificatório narcísico e moralmente naturalizado.

Essa leitura encontra respaldo em Freud (2020a), especialmente em *Psicologia das massas e análise do Eu*. Freud sustenta que a psicologia individual é, desde o início, também psicologia social. Na massa, o indivíduo experimenta um reforço identificatório que pode suspender parcialmente as exigências do recalque. O “sentimento de onipotência” descrito por Gustave Le Bon e retomado por Freud indica que o pertencimento grupal potencializa a expressão das pulsões agressivas e destrutivas.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud (2020b) argumenta que a vida em sociedade exige a renúncia pulsional, sustentada pelo recalque e pela internalização das normas culturais. Contudo, na experiência de massa, observa-se uma espécie de regressão narcísica: a identificação com o líder e com os demais membros do grupo cria um campo erótico compartilhado. O vínculo libidinal com o líder, investido como ideal, sustenta a coesão grupal.

É nesse ponto que Calligaris introduz sua contribuição original: a noção de perversão social. Diferentemente da perversão sexual descrita por Freud (2016) em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, a perversão social não diz respeito primordialmente a desvios na meta da pulsão sexual, mas a uma estrutura psíquica na qual o sujeito encontra gozo na instrumentalização do outro. Não se trata de loucura nem de anomalia essencial; trata-se de uma modalidade de organização subjetiva que encontra no aparato estatal e na burocracia seu objeto de amor.

Os carrascos nazistas exemplificam, para Calligaris, essa estrutura. O que os une não é um sadismo explícito, mas uma *paixão pela instrumentalidade*: um amor pelo funcionamento administrativo que transforma pessoas em números, vidas em protocolos, mortes em procedimentos. O outro deixa de ser sujeito e torna-se objeto manipulável.

Na apresentação da obra, Jurandir Freire Costa articula essa dinâmica ao conceito freudiano de “eu ideal”.

O “eu ideal”, em sua clausura narcísica, rejeita a intrusão de qualquer instância que tente limitar a paixão de corporificar o falo materno. O trabalho psíquico do luto, a metaforização de objetos perdidos, a aceitação da incompletude do desejo sexual, tudo isso é violentamente rechaçado, em benefício do gozo com o cumprimento de rotinas e protocolos de tudo o que o sujeito pensa, sente, julga e faz (Costa, 2022, p. 13-14).

Nessa perspectiva, a perversão social implica uma recusa do trabalho psíquico do luto, da aceitação da castração simbólica e da alteridade. O gozo desloca-se para o cumprimento rigoroso de rotinas, normas e protocolos, mesmo quando estes implicam devastação humana. O Estado, ou o líder, torna-se o grande objeto libidinal.

Diferentemente da perversão sexual, que, para Freud (2016), só se torna patológica quando exclusiva e impeditiva da sexualidade dita “normal”, a perversão social constitui, segundo Calligaris (2022), uma estrutura psicopatológica propriamente dita. Ela reorganiza o aparelho psíquico em torno da instrumentalização generalizada. Isto é, o sujeito transforma o outro em instrumento e, simultaneamente, faz-se instrumento de uma máquina simbólica maior.

Embora se observa raramente a presença explícita do sujeito perverso na clínica, uma vez que este dificilmente se apresenta em posição analisante, seus efeitos tornam-se visíveis na esfera pública, na vida em sociedade. Isso ocorre, especialmente, em contextos de crise democrática e cultural, quando líderes, burocratas e cidadãos comuns, submissos ao ideal grupal, reduzem vidas a estatísticas e decisões administrativas passam a operar sob a lógica da desumanização, promovendo o que seria a banalização psíquica do mal.

Ao final de sua vida, em entrevista ao programa Roda Viva, Calligaris foi enfático: “fujam dos grupos”. A frase, longe de um convite ao isolamento ou à neutralidade política, deve ser lida como advertência clínica e política. Não se trata de negar o papel dos coletivos no laço social. Porém, faz-se imperiosa a cautela diante de formações grupais que prometem salvação nacional e sustentam o maniqueísmo entre cidadãos de bem e vagabundos. Isso pode custar a eliminação do outro, que tem ocorrido desde espaços comuns até ambientes familiares.

A publicação de *O grupo e o mal* (Calligaris, 2022) revela-se, assim, não apenas um gesto editorial de recuperação histórica, mas uma intervenção teórica de grande atualidade. Em tempos de recrudescimento autoritário e polarizações radicais, a noção de perversão social oferece uma ferramenta conceitual potente para compreender como sujeitos ordinários tornam-se instrumentos submissos às ordens do grupo em prol da banalização do mal, isto é, tornam-se perversos sociais ao comporem uma ordem administrativa capaz de práticas funestas que promovem a morte em série e a destruição. Pensar a perversão social como quadro clínico presente não apenas em figuras de autoridade e poder, mas também em pessoas comuns, possibilita refletir sobre as possibilidades teórico-clínicas do estudo da perversão em seu aspecto social. Calligaris nos convida, em última instância, a sustentar a responsabilidade subjetiva, sobretudo quando o grupo promete dissolvê-la em prol de um alegado “bem maior”.

REFERÊNCIAS

- ARENDET, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CALLIGARIS, Contardo. *Hello, Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. São Paulo: Escuta, 1991.
- CALLIGARIS, Contardo. *O grupo e o mal: estudo sobre a perversão social*. São Paulo: Fósforo, 2022.
- CALLIGARIS, Contardo. Patriotismo e patriotice. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2019.
- COSTA, Jurandir Freire. Apresentação. In: CALLIGARIS, Contardo. *O grupo e o mal: estudo sobre a perversão social*. São Paulo: Fósforo, 2022, p. 9-16.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.
- FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do Eu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Artigo Recebido: 17 de fevereiro de 2026

Artigo Aceito: 14 de abril de 2026